

O sistema nominal do Ye'kwana: um experimento sobre a distinção contável-massivo

Ye'kwana nominal system: an experiment on the mass-count distinction

Kayron Beviláqua, Isabella Costa***

RESUMO

Este artigo apresenta uma investigação experimental sobre o comportamento dos sintagmas nominais (SNs) em comparativas no ye'kwana (língua caribe falada em Roraima e na Venezuela). A partir da análise de Costa (2018) sobre a distinção contável-massivo nessa língua e da proposta tipológica de Chierchia (2010), discutimos a possibilidade de a língua ser considerada como de número neutro. Os resultados experimentais mostraram que todos os SNs foram bem avaliados no teste de aceitabilidade e, em certa medida, todos admitiram leituras cardinais e não cardinais nos testes de interpretação e julgamentos de quantidade. Partindo de tais achados, argumentamos que, embora o ye'kwana apresente características de língua neutra para número, há uma leitura de volume para o SNU que não se explica num quadro teórico em que os SNs nessas línguas pertencem a um domínio atômico. Defendemos também que o clítico =*komo* não seria um operador de plural, mas um coletivizador, que denota um indivíduo atômico, o que explicaria nossos resultados.

202

Palavras-chave: distinção contável-massivo, nomes nus, ye'kwana.

*Universidade Federal do Paraná (UFPR)/Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)

**Universidade Estadual de Roraima (UERR)

ABSTRACT

203

This paper presents an experimental investigation on the behavior of singular and plural bare noun phrases in comparison structures in Ye'kwana (a Caribbean language spoken in Roraima (BR) and Venezuela). Based on the analysis of Costa (2018), on the count-mass distinction in Ye'kwana, and the typological proposal of Chierchia (2010), we discussed the possibility of Ye'kwana being considered a number-neutral language. The experimental results showed that all SNs were well evaluated in the acceptability test and, to a certain degree, all admitted cardinal and non-cardinal readings in the interpretation tests and quantity judgments test. Based on such findings, we argue that, although Ye'kwana has characteristics of a number-neutral language, there is a volume reading for the bare singular nouns that is not explained in a theoretical framework in which the NPs belong to an atomic domain. We also argue that the clitic =*komo* is not a plural operator, but a collectivizer, which denotes an atomic individual, explaining our results.

Keywords: bare nouns, count-mass distinction, Ye'kwana.

Os estudos linguísticos sobre a distinção contável-massivo vêm crescendo, sobretudo a partir de investigações de línguas ainda pouco estudadas. Essas novas pesquisas têm mostrado que há uma grande variabilidade nos modos como a distinção contável-massivo pode ser codificada gramaticalmente através das línguas. Com este artigo, temos o objetivo de contribuir por meio de uma descrição teórica sobre o fenômeno da distinção contável-massivo no ye'kwana, bem como oferecer evidências experimentais sobre o caráter massivo-contável dos sintagmas nominais (SNs) nessa língua, em busca de entender seu sistema nominal dentro da parametrização proposta por Chierchia (2010).

O ye'kwana é uma língua do ramo Guianense da família caribe (GILDEA, 2012), falada por aproximadamente 500 pessoas no Brasil e 6.000 pessoas na Venezuela. No Brasil, os ye'kwana habitam a Terra Indígena Yanomami (Roraima) e estão divididos em três aldeias, localizadas ao longo dos rios Auaris e Uraricoera. A língua já apresenta descrições da sua gramática, realizadas por Hall (1988) e Cáceres (2007, 2011), além de descrições semânticas da quantificação verbal e nominal (COSTA, 2013, 2018; respectivamente). Nesse trabalho, utilizaremos principalmente a descrição da língua realizada por Costa (2018), por focar na distinção contável-massivo.

Partindo então das propriedades gramaticais da língua e da discussão teórica na literatura sobre a distinção contável-massivo, elaboramos um experimento com o objetivo de verificar o comportamento massivo-contável dos SNs em ye'kwana na comparação, que é considerado por Bale e Barner (2009) como o melhor ambiente gramatical para testar o status massivo ou contável de um sintagma nominal. O experimento foi dividido em três testes: (I) Teste de aceitabilidade; (II) Teste de julgamento de valor de verdade; e (III) Teste de julgamento de quantidade. Os resultados apontaram que todos os nomes foram bem avaliados no teste de aceitabilidade e aceitaram interpretações de número, volume e partitivo. No entanto, houve uma diferença no teste de julgamento de quantidade entre duas grandes classes: nomes nocionalmente contáveis, isto é, que têm objetos como referentes, apresentaram preferencialmente julgamentos de cardinalidade (embora também de volume); e nomes nocionalmente massivos, que têm substâncias como referentes, apresentaram preferencialmente julgamentos de volume (embora também de cardinalidade).

Com esses resultados, discutimos não apenas a possibilidade de o ye'kwana ser uma língua de número neutro, mas a própria noção de neutralidade para número, a qual, argumentamos, não explica os resultados encontrados, já que o Singular Nu (SNU)¹ também foi comparado por volume, um resultado até então não discutido na literatura do ye'kwana. Isso impõe problemas para a assumpção de que a denotação de um SN neutro para número envolva um domínio atômico. Além do mais, argumentamos que o SNU no ye'kwana não pode ser tratado como um nome flexível do inglês.

Propomos, ademais, uma análise para o caso dos nomes supostamente plurais, tratando o clítico =*komo* como um coletivizador, e não como um plural, no sentido de que não denota um conjunto de indivíduos fechados sob uma operação de soma, mas sim um indivíduo atômico. Por fim, os nomes de massa mostraram um comportamento esperado, considerando tanto a discussão para línguas de número neutro quanto número marcado. Nomes massivos são medidos por dimensões não cardinais e por partição no ye'kwana. Algumas leituras de número foram encontradas, mas, como argumentaremos, são resultados de coerção.

O trabalho, então, encontra-se assim dividido: na seção 2, traremos algumas considerações teóricas sobre a distinção contável-massivo, em especial à tipologia proposta por Chierchia (2010); na seção 3, mostraremos como Costa (2018) analisa a distinção contável-massivo no ye'kwana; na seção 4, traremos a abordagem experimental para analisar os SNs do ye'kwana em três experimentos. Na seção 5, analisamos os resultados e os comparamos com a literatura pertinente, discutindo o caso do SNU e oferecendo uma análise para o =*komo*. Por fim, nossas considerações finais.

¹ Por SNU nos referimos a um sintagma nominal singular nu (constituente não precedidos por um determinante realizado), que nocionalmente denota um objeto no mundo.

2. A distinção contável-massivo

Há várias teorias, de natureza distinta, que tentam explicar a distinção contável-massivo entre as línguas naturais. Longe de esgotarmos a discussão sobre o contraste linguístico massivo-contável, nesta seção iremos discutir a proposta tipológica feita por Chierchia (2010), que, na esteira de seus trabalhos anteriores, classifica as línguas de forma tripartite. São três sistemas que representam três grandes modos de codificar a distinção contável-massivo: línguas de número marcado; línguas de classificadores; e línguas de número neutro. A seguir, apresentaremos esses sistemas.

2.1 A distinção contável-massivo proposta por Chierchia (2010)

Chierchia (2010) apresenta uma classificação que justifica o contraste entre nomes contáveis e massivos com base em critérios gramaticais (morfológicos e sintáticos). As línguas de Número Marcado são assim chamadas pois apresentam um contraste morfológico bastante evidente na distribuição entre nomes contáveis e massivos: a marcação de plural. Nessas línguas, somente nomes contáveis podem ser pluralizados (e combinados com numerais). Vejamos:

(1) Three cats.

(2) *Three waters.

206

Perceba que nomes massivos pluralizados geram sentenças agramaticais, à exceção de casos de coerção², em que *três águas* é interpretado como *três garrafas de água*. Nesse caso, temos um sintagma de recipiente/medida (*garrafas*) junto a nomes massivos para que possam receber marca de plural ou combinação com numerais.

Ademais, nas línguas desse grupo, nomes contáveis e massivos exigem determinantes e quantificadores distintos. Por exemplo, no inglês, os quantificadores *many* e *much* fazem a distinção entre nomes contáveis e massivos (HIGGINBOTHAM, 1995), além de haver determinantes específicos para nomes contáveis e massivos, como Chierchia (2010, p. 109) demonstra no quadro a seguir:

Nomes contáveis SG	Nomes contáveis PL	Nomes massivos
The/some bo	The/some boy	The/some water
A/every bo	* A/every boy	* A/every wate
* Most/all bo	Most/ all boys	Most/ all water

Quadro 1: Restrições combinatórias do sistema de determinantes em inglês

Fonte: adaptado de CHIERCHIA (2010, p.109).

² Coerção é um termo utilizado na literatura (CORBETT, 2000) para designar uma mudança no *status* do nome, de massivo para contável e vice-versa. Quando um nome massivo pode passar a contável, temos coerção de tipo *universal packager* ‘empacotador universal’, como no exemplo *eu bebi três águas*, no qual o nome massivo água é reinterpretado como *copos de água*.

Veja que certos determinantes, como *the* e *some*, podem ser combinados com nomes contáveis e massivos. No entanto, há determinantes, como *a* e *every*, que só podem ser combinados com nomes contáveis no singular. Já os determinantes *most* e *all*, de acordo com a segunda coluna, só podem ser combinados com nomes contáveis no plural e com nomes massivos. Dessa forma, o autor argumenta que o inglês utiliza o critério morfossintático para diferenciar nomes contáveis e massivos: nomes contáveis admitem o morfema de plural e certos determinantes, enquanto nomes massivos só podem ser pluralizados ou combinados a numerais se forem utilizados sintagmas de recipiente.

Há exceções, contudo, para uma determinada classe de nomes, chamada de “Flexible nouns”. Como mostram os resultados experimentais de Barner e Snedeker (2005), no inglês, esses nomes podem admitir comparação tanto por escalas cardinais quanto não cardinais (são alguns exemplos: *string*, *paper*, *rock*, *stone*, *thought* e *judgment*):

- (3)
- a. John has more **stone** than Peter
 - b. John has more **stones** than Peter.

Stone (pedra) tem uma interpretação massiva em (3a), e uma interpretação contável em (3b). Bale e Barner (2009) mostram que essas leituras são exclusivas; assim, uma vez que seja usado para denotar indivíduos, numa sintaxe contável (plural), o nome flexível não poderá denotar massa, ou vice-versa. A classe de nomes flexíveis, entretanto, é restrita no inglês; poucos nomes contáveis são gramaticais numa sintaxe massiva, o que gera sentenças agramaticais como:

- (4) *John has more **car** than Peter.

Tal sentença só seria gramatical com a presença do morfema de plural em *car*. Em suma, essa é uma marca registrada das línguas de número marcado: nomes contáveis aparecem marcados no plural. Nomes massivos, por sua vez, só podem atuar numa sintaxe singular. Nomes flexíveis são tratados como ambíguos. Quando estão no singular, são massivos; quando estão no plural, são nomes contáveis.

Outro grupo de línguas discutido por Chierchia (2010, p. 107) são as línguas de Classificadores, como o mandarim. Nessa língua, usa-se um classificador³ para que os nomes possam ser combinados a numerais, como nos exemplos abaixo.

- (5)
- a. san *(ge) nanhai
três CL menino
‘três meninos’
 - b. yi *(ben) shu
um CL livro
‘um livro’
- (CHIERCHIA, 2010, p.107)

3 Classificadores, de acordo com Chierchia (2010, p. 107), são definidos como palavras que expressam unidade e cuja referência pode denotar algo como medida, recipiente ou formato.

Além disso, Chierchia explica que, nessas línguas, os nomes são nus e não têm marca obrigatória de número. Os nomes nesse tipo de língua teriam uma sintaxe similar à de nomes massivos do inglês, já que, como vimos, só podem se combinar com numerais através de um classificador.

Isso, entretanto, não implica dizer que línguas de classificadores não apresentem uma distinção contável-massivo. Para o autor, essa distinção está justamente codificada na sintaxe e na semântica dos classificadores, uma vez que certos classificadores, como a partícula *de*, podem ocorrer junto a classificadores de nomes massivos (6b), mas não com classificadores de nomes contáveis (6a).

(6)

- a. *san ben **de** shu
três CL de livro
- b. san bang **de** shu
três libra de livro
'três libras de livros'

O último grupo de línguas descrito por Chierchia (2010) são as línguas de número neutro, que têm como referência o dëne suliné (WILHELM, 2008). De acordo com Wilhelm (2008, p. 44), o dëne suliné apresenta nomes nus generalizadamente (7) e sua interpretação pode ser definida ou indefinida, dependendo do contexto:

- (7) *h* *dëːneyuaze* *theʔa' ɪ*
cachorro menino-DIM PERF-morder.O

'O/um cachorro mordeu o/um menino pequeno.' (WILHELM, 2008, p. 45)

208

Note que não é preciso marca morfológica de pluralidade para haver uma leitura plural do nominal. Dadas essas características, a distinção contável-massivo em línguas de número neutro parece ocorrer apenas na impossibilidade de combinação de numerais com nomes massivos, e não num contraste morfológico de marcação de plural. Assim, diferentemente das línguas de classificadores, nessa língua os numerais podem ser diretamente combinados com nomes; e, igualmente a línguas de número neutro, há uma restrição quanto ao tipo de nome com o qual o numeral pode se combinar. Nos dados em (8), o numeral *solage* ('cinco') pode ser combinado diretamente a *dzol* ('bola') em (8a), mas o nome massivo *ber* ('carne') exige a presença de um termo de medida, que neste caso é *nedadhi* ('quilo'), em (8b):

(8)

- a. *solaghe dzol*
cinco bola
'cinco bolas'
- b. *solaghe nedadhi ber*
cinco quilos carne
'cinco quilos de carne'
- c. **solaghe ber*
cinco carne

(WILHELM, 2008, p. 46)

Em suma, as línguas de número neutro se caracterizam por terem nomes nus generalizados, sem contraste morfológico de singular/plural (como ocorre nas línguas de número marcado), e sem um rico sistema de classificadores, permitindo combinação direta entre numerais e nomes contáveis. Línguas classificadoras também apresentam generalizadamente nomes nus em posição argumental, e não possuem um contraste singular/plural (ou têm plurais restritos a uma categoria particular de nomes); contudo, exigem classificadores para a contagem de nomes. Já nas línguas de número marcado, a distinção ocorre no contraste morfológico singular/plural, e o sistema de determinantes é sensível a essa distinção. Na próxima seção, discutiremos mais atentamente as propriedades gramaticais do ye'kwana em relação aos diferentes sistemas nominais que discutimos acima.

3. Algumas propriedades da distinção contável-massivo no ye'kwana

O ye'kwana é uma língua que pode ser chamada de 'nua', pois apresenta uso generalizado de nomes nus, isto é, SNs sem qualquer marca aparente de determinantes. Tais nomes nus no ye'kwana podem ter interpretação definida ou indefinida, assim como no dëne suliné, e, também, interpretação singular e plural, a depender do contexto em que estejam sendo utilizados. É o caso, por exemplo, do SNU em (9):

- (9) Osmar **ädinha** neneeanä
Osmar ädinha n-eneea-nä
Osmar panela 3-ver-PDI
'Osmar viu a/as/uma/umas panela(s).'
- (COSTA, 2018, p.109)

209

Embora o contraste singular/plural não seja marcado morfológicamente, já que nomes singulares possuem interpretação plural, o ye'kwana apresenta um suposto marcador de plural, o =komo⁴, que, segundo Costa (2018), parece restringir a interpretação de nomes contáveis (10a) e massivos (10b) ao número de indivíduos:

- (10)
- a. Osmar fadankaanakoomo neneeanä
Osmar fadankaana=**komo** n-enee-anä
Osmar panela=**PL** 3-ver-PRI
'Osmar viu (as/umas) panelas'
- (COSTA, 2018, p.118)
- b. Osmar yaddachichomo neneeanä
Osmar yadaachi=**komo** n-enee-anä
Osmar caxiri=**PL** 3-ver-PRI
'Osmar viu (várias porções de) caxiri'
- (COSTA, 2018, p.117)

4 Pode haver alongamento vocálico em =komo, que fará com que ele seja pronunciado [ko:mo] e grafado =koomo. Esse marcador de número é tratado na literatura como um clítico (cf. CÁCERES, 2011) em função de questões diacrônicas. No entanto, Costa (2018) verificou a necessidade de se realizar testes acústicos para conferir se houve mudança no status desse operador, pois em muitos dados =komo parece ter comportamento semelhante ao de um sufixo.

Quanto à interpretação do plural, perceba que o clítico =*komo* pode se combinar a nomes contáveis, gerando leituras de somas de unidades, e a nomes massivos, gerando uma leitura de número de porções (10b). Costa (2018) propõe que =*komo* tem a mesma função do plural do inglês, que é criar somas de átomos, gerando uma leitura na qual os átomos não estáveis pertencentes à denotação do nome massivo podem, em um contexto particular, ser considerados como unidades contáveis. Essa é uma hipótese interessante que testaremos no experimento proposto. Se =*komo* é um operador de soma, esperamos que, nos testes semânticos, o nome associado a esse clítico só gere leituras cardinais.

Quanto aos quantificadores nominais, Costa (2018) mostrou que *ooje* e *wanna* podem se combinar a nomes contáveis e massivos (11), gerando leitura distintas.

(11)

a. *Marcelo neneanä ooje/wanna äwatä*

Marcelo neneanä ooje/wanna äwatä

Marcelo 3-ver-PRA *ooje/wanna* rede

‘Marcelo viu *muita* rede.’

(*wanna* = várias unidades de rede)

(*ooje* = uma grande rede/várias unidades de rede)

b. *Marcelo neneanä ooje/wanna ado.*

Marcelo n-ene-anä ooje/wanna ado

Marcelo 3-ver-PRA *ooje/wanna* arroz

‘Marcelo viu *muito* arroz.’

(*wanna* = várias porções de arroz)

(*ooje* = uma grande porção/várias porções de arroz) (COSTA, 2018, p. 143)

A partir de uma Tarefa de Julgamento de Quantidade (como sugerida por BARNER; SNEDEKER, 2005) realizada com adultos, Costa (2018) mostrou que o quantificador *wanna* deriva somente leitura cardinal com nomes massivos e contáveis, e o quantificador *ooje* deriva uma leitura cardinal e de volume para ambos os nomes. A mesma tarefa foi realizada com crianças de três a sete anos, e mostrou que crianças de 3 a 5 anos de idade interpretam os quantificadores *wanna* e *ooje* como quantificadores contáveis quando combinados a nomes contáveis e massivos.

A tarefa apontou também que a leitura de volume do quantificador *ooje* está disponível apenas a partir dos seis anos de idade. Costa (2018) ressalta que é intrigante que *wanna* e *ooje* possam admitir leitura contável, mesmo que o nome em questão seja massivo, pois, embora somente *ooje* permita leitura de volume, principalmente com nomes massivos e, em alguns casos, com nomes contáveis, em certa medida o quantificador *wanna* assemelha-se a =*komo*, que pode ser combinado a nomes contáveis e massivos e sempre licencia uma leitura cardinal (atômica) para ambos (ver exemplo (11a)).

Como pudemos perceber, não parece haver seleção de quantificadores quanto a nomes massivos e contáveis no ye'kwana, apesar de o quantificador *wanna* apenas gerar leituras cardinais na gramática do adulto. No entanto, é na distribuição dos

numerais que está evidenciada tal distinção. Segundo Costa (2018, p. 98), numerais nessa língua podem se combinar diretamente a nomes contáveis, mas não a nomes massivos, pois estes exigem um sintagma recipiente ou, ainda, um morfema que, sufixado ao numeral, irá conferir uma leitura de eventos à sentença. Essa restrição de numerais junto a nomes massivos é um fenômeno que pode ocorrer em diversas línguas, como no mandarim, no dëne suliné e no kuikuro (uma língua caribe falada no Xingu).

Nos dados a seguir, há a presença do sufixo *-de* junto ao numeral. Nessas sentenças, é possível haver duas leituras: a primeira é de eventos, na qual o numeral quantifica as vezes em que a ação se repetiu; a segunda é uma leitura de porções, na qual o numeral quantifica as porções do nome massivo da sentença. Em (12b), a ausência do sufixo *-de* traz à tona a palavra *fadaaji* 'prato', que é responsável pelo porcionamento do nome massivo, sendo a única leitura possível. Quando a sentença com numerais e nomes massivos dispensa o uso do nome recipiente e do sufixo *-de*, ela é considerada agramatical (13). Já com nomes contáveis (14), o sufixo *-de* licencia apenas leitura de eventos, e não de número de indivíduos.

(12)

a. *Mamma tuna nei äddawäde*

Mamma tuna n-e-i äddawä-de
mamãe água 3-pegar-PRP três-de_novo

'Mamãe pegou água três vezes.'

'Mamãe pegou três (recipientes com) águas.'

b. *Faaja munu nädöi fadaaji aka kawaadi akiiyä äddawä*

Faaja munu n-ädö-i fadaaji aka kawaadi akiiyä äddawä

Papai sangue 3-levar-PRP prato PP veado campeiro três

'Papai levou três pratos de sangue de veado'

#'Papai levou pratos de sangue de veado três vezes.' (COSTA, 2018, p. 98)

(13)

a. **Mamma tuna nei äddawä*

Mamma tuna n-e-i äddawä
mamãe água 3-pegar-PRP três

b. **Faaja munu nädöi kawaadi akiiyä äddawä*

Faaja munu n-ädö-i kawaadi akiiyä äddawä

Papai sangue 3-levar-PRP veado campeiro três (COSTA, 2018, p. 99)

(14) *Marcelo neneanä aakäde yanwakä*

Marcelo n-ene-anä aakä-de yanwa-kä

Marcelo 3-ver-PRI dois-DE homem-PDI

'Marcelo viu o menino duas vezes.'

#'Marcelo viu dois meninos.'

(COSTA, 2018, p. 96)

Tendo em mente a distribuição dos numerais, Costa (2018) assume, na linha de Chierchia (2010), que o que distingue nomes contáveis e massivos não é o domínio da atomicidade, uma vez que todos os nomes são atômicos (os átomos dos nomes massivos são vagos; por isso, esses nomes não podem ser contados diretamente, apenas medidos), mas a contagem. Somente nomes contáveis podem ser diretamente combinados a numerais, enquanto nomes massivos necessitam de um sintagma de medida ou nome recipiente.

Em relação a tais afirmações, nosso experimento pode fornecer algumas evidências. Se a atomicidade de nomes massivos no ye'kwana é vaga (na linha de CHIERCHIA, 2010), esperamos que, nos testes semânticos, haja apenas leitura de volume. Já para os outros SNs, como nomes contáveis no singular são associados a =*komo*, esperamos apenas leituras cardinais, já que eles seriam nomes atômicos, segundo Costa (2018).

Notemos, por fim, que os dados descritos acima mostram sobretudo que o ye'kwana parece ser uma língua de número neutro, já que a distinção entre nomes massivos e contáveis não é expressamente marcada no contraste morfológico entre singular e plural, mas na contagem. Nomes contáveis (singular ou plural) e massivos podem atuar numa mesma sintaxe, diferentemente de línguas de número marcado e línguas classificadoras, que selecionam determinados classificadores:

- (15) João töweiyē na SN ädinha (koomo) Maria nödüödö e'joye'kä
 João töw-ei-ye na SN ädinha (koomo) Maria nödüödö e-'joye-'kä
 João PTCP.INTR-COP-PTCP 3. COP SN panela(s) Maria tem REL-mais-
 COMP
 'João tem mais SN/s do que Maria.'

212

Na próxima seção, apresentaremos os resultados de SNs em ye'kwana em comparativas, como (15), que também podem lançar luzes sobre a distinção entre nomes massivos e contáveis. Testaremos nomes contáveis singulares e associados a =*komo*, bem como nomes massivos no singular. Nosso objetivo é verificar quais dimensões de comparação são acionadas e, assim, tentar entender melhor a denotação dos SNs em ye'kwana. Descreveremos a seguir o experimento com mais detalhes.

4. Abordagem experimental

O método experimental se faz de grande importância nos estudos da linguagem, porque nos permite ir além de dados intuitivos para encontrar evidências muitas vezes despercebidas por análises prévias, principalmente em relação a línguas ainda pouco estudadas na literatura. Investigamos, nesse sentido, a aceitabilidade e a interpretação dos SNs nus no ye'kwana em contextos comparativos. Esse trabalho encontra-se, portanto, inserido dentro da área da semântica experimental. Nosso

experimento consistiu em três testes (*off-line*) distintos: (I) Teste de aceitabilidade; (II) Teste de julgamento de valor de verdade; e (III) Teste de julgamento de quantidade. Eles serão descritos a seguir.

4.1 Teste de aceitabilidade

a) Materiais e Métodos

Construímos inicialmente um teste de aceitabilidade utilizando uma *Likert scale*, com o intuito de acessar os julgamentos dos falantes sobre sentenças comparativas com nomes nus no singular e no plural. Os participantes eram solicitados a realizar os julgamentos através de uma escala numérica de 1 a 7, com os pontos finais definidos como “muito aceitáveis”, e os pontos iniciais, como “inaceitáveis”. As sentenças-alvo consistiam em comparativas do tipo *João töweiye na X Maria nödüödö e'joye'ka* ('João tem mais X do que Maria'), nas quais o X foi substituído pelos devidos SNs no singular ou no plural. Veiamos um exemplo:



Figura 1: Exemplo de estímulo usado – teste de aceitabilidade
(item: *sa'dada* 'areia')
Fonte: elaboração própria.

Os tipos de SNs testados em todos os três testes do experimento foram: o SNU (e.g. *mma* 'casa'); sua contraparte pluralizada (PL; e.g., *mmakoomo* 'casas'); o nome flexível singular⁵ (FLEXSG; e.g., *täju* 'pedra') e sua parte pluralizada (FLEXPL; e.g., *täjukomo* 'pedras'); e o nome massivo (MASSA; e.g., *tuna* 'água'). Ao todo, foram 15 SNs testados, 3 representantes de cada variável. O participante era, então, solicitado a julgar a gramaticalidade de 15 sentenças em sua língua. No quadro a seguir, estão todos os itens lexicais utilizados nas sentenças-alvo:

5 Não há evidência ou discussão na literatura sobre o ye'kwana da existência de nomes flexíveis nessa língua, como há para o inglês (ver exemplo (3)). Porém consideramos pertinente incluir tais sintagmas para verificar sua existência nessa língua. Então, apenas traduzimos nomes que são considerados flexíveis para o inglês de acordo com a literatura (BARNER; SNEDEKER, 2005).

SNU	PL	FLEX SG	FLEX PL	Massivos
<i>mesa</i> 'mesa'	<i>mesa=koomo</i> mesa=PL 'mesas'	<i>täju</i> 'pedra'	<i>täju=komo</i> pedra=PL 'pedras'	<i>sä'dada</i> 'areia'
<i>mma</i> 'casa'	<i>mma=koomo</i> Casa=PL 'casas'	<i>ato</i> 'corda'	<i>ato=komo</i> corda=PL 'cordas'	<i>tuna</i> 'água'
<i>cama</i> 'cama'	<i>cama=koomo</i> cama=PL 'camas'	<i>ajuuni</i> 'sabonetes'	<i>ajuuni=choomo</i> sabonete=PL 'sabonetes'	<i>she'sedö</i> 'farinha'

Quadro 2: itens lexicais usados no teste de aceitabilidade

Fonte: elaboração própria.

b) Participantes

Ao todo, foram 16 participantes. Foram testadas apenas mulheres, com idade em torno de 16 a 25 anos. Optou-se por esse gênero, pois as mulheres são, em sua maioria, monolíngues em ye'kwana, e tal fato restringe a possível influência do português sobre os julgamentos.

c) Hipóteses

O teste tinha como variável dependente os valores de aceitabilidade selecionados numa escala *likert* de 1 a 7. Como variável independente tínhamos o SN, com 5 níveis. Dessa forma, nossa previsão experimental pode ser formulada da seguinte forma:

- (i) considerando a descrição em Costa (2018), não haverá diferenças significativas de aceitabilidade entre os SNs.

d) Apresentação dos Resultados

O gráfico a seguir apresenta as médias de aceitabilidade (e os respectivos desvios padrões) para todos os SNs:

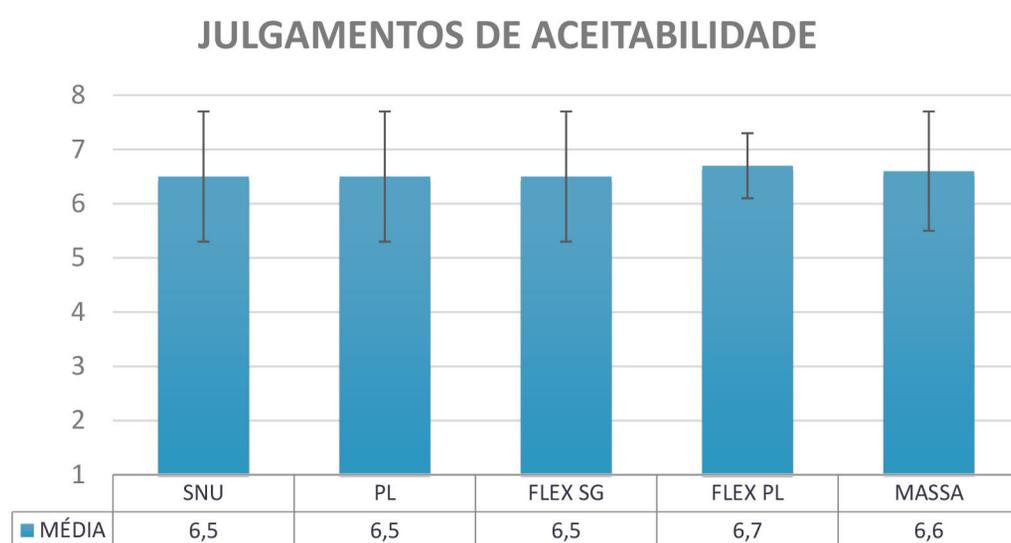


Gráfico 1: resultados do teste de aceitabilidade

Fonte: elaboração própria.

Vê-se um claro padrão entre os SNs testados: todos apresentaram bons julgamentos de aceitabilidade, com médias acima de 6,5. Isso significa que nomes nus singulares, sejam contáveis ou massivos, são bem aceitos numa estrutura comparativa. Tal resultado nos mostra também que não há preferências entre nomes flexíveis singulares e o SNU, como há no inglês, por exemplo. Além do mais, a combinação de um nome com *=komo* também não altera a aceitabilidade das sentenças, assim nomes singulares e plurais são igualmente aceitos. Nossa hipótese foi, então, confirmada.

Realizamos um modelo estatístico de regressão linear de efeitos mistos (lmer), tomando como parâmetro de comparação cada SN individualmente, e tendo como fatores aleatórios as variáveis participante e o item, o que corroborou tais análises: não houve interação entre o SN e os julgamentos de aceitabilidade, o que significa que não há diferenças significativas entre os SNs testados, considerando as médias de aceitabilidade e os respectivos desvios padrões.

Embora esses resultados já nos deem boas pistas sobre a distribuição sintática dos SNs, nada nos dizem sobre a interpretação dessas sentenças. Na seção a seguir, apresentamos um experimento cujo foco era acessar suas possíveis diferentes leituras.

4.2 Teste de julgamento de valor de verdade

a) Materiais e Métodos

Após realizar o teste de aceitabilidade, o participante era encaminhado ao teste de julgamento de valor de verdade. O objetivo era investigar quais interpretações estão associadas às sentenças julgadas no teste de aceitabilidade. Era, portanto, um teste de interpretação, no qual o participante é exposto a uma sentença declarativa e

três cenários, e a ele é solicitado escolher as situações de mundo (ou a situação) nas quais aquela sentença seja verdadeira.

O cenário 1 – número – opunha apenas cardinalidade, no qual um possuía três unidades do objeto em questão, e o outro possuía apenas dois objetos. O cenário 2 – volume – apresentava um quadro contendo um objeto com claramente maior área e volume, em oposição a dois objetos de menor área e volume. Portanto, enquanto um possui maior volume e menos unidades, o outro possui mais unidades e menor volume. O cenário 3 – partitivo – colocava em oposição um único objeto dividido em duas partes desiguais. Um indivíduo possuía a maior parte do objeto, enquanto o outro possuía uma parte menor do mesmo objeto. O participante podia escolher mais de um cenário para a mesma sentença⁶. Vejamos um exemplo:

Nino töweiye na mesa Nina nödöödö e'joye'ka

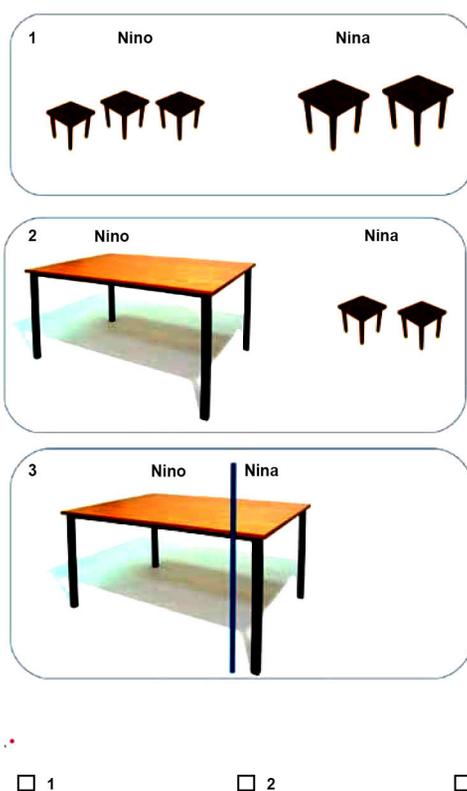


Figura 2: exemplo de estímulo apresentado ao participante
(item: *mesa komo* ‘mesas’)
Fonte: elaboração própria.

Dessa forma, se, para a sentença *Nino töweiye na mesa komo Nina nödöödö e'joye'ka* (‘Nino tem mais mesas do que Maria’), o participante escolhesse apenas o cenário de número (resposta 1), a informação nos dada é a de que leitura de número somente é possível para o sintagma nominal *mesa*. Se o participante escolhesse as respostas 1 e 2, por exemplo, poderíamos inferir que o sintagma *mesa*, em sua forma plural, pode ser comparado tanto por volume quanto por número. Se o participante escolhesse apenas o cenário 3, poderíamos inferir que o nome associado a =*komo* denota um indivíduo singular.

⁶ Consideramos que esses três cenários já são relevantes para entender a denotação do SN. Naturalmente há outras dimensões de comparação que podem ser usadas, como valor, utilidade, peso, etc.

Os itens lexicais foram os mesmos utilizados para o teste de aceitabilidade.

b) Participantes

Os participantes testados também foram os mesmos do teste de aceitabilidade, portanto 16 ao todo.

c) Hipóteses

O teste tinha como variável dependente categórica os cenários escolhidos pelos participantes: número, volume e partitivo. Como variável independente, novamente tínhamos o SN, com 5 níveis. Dessa forma, nossas hipóteses eram as seguintes:

- (i) partindo de Costa (2018), se os nomes contáveis são atômicos, SNU e FLEXSG serão aceitos apenas nos cenários de número e partitivo;
- (ii) se =*komo* atua como um operador de somas de indivíduos, PL e FLEXPL serão aceitos apenas nos cenários de número;
- (iii) se nomes massivos denotam átomos vagos, MASSA será aceito apenas nos cenários de volume e partitivo.

d) Apresentação dos Resultados

O gráfico a seguir apresenta a porcentagem com as escolhas de cenários para todos os SNs testados:

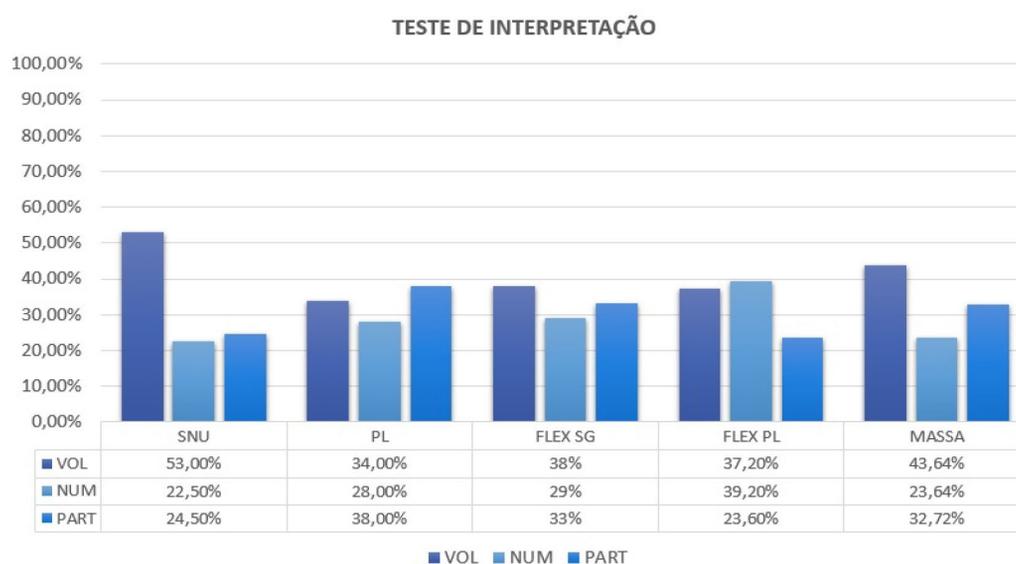


Gráfico 2: resultados do teste de interpretação

Fonte: elaboração própria.

O gráfico nos revela pouca variabilidade entre os SNs, uma vez que todos foram aceitos, em certa medida, nos três cenários fornecidos. Analisemos, entretanto, individualmente os resultados. O SNU apresentou, preferencialmente, leituras de volume, a níveis de 53%. Esse resultado é inesperado, visto que na literatura sobre o

ye'kwana, e línguas de número neutro em geral, não é reportada essa possibilidade de interpretação. Nossa hipótese foi então refutada, visto que esperávamos apenas leituras cardinais. Na seção 4, discutiremos mais atentamente esse caso. O FLEX SG apresentou resultados próximo ao SNU, porém com menos leituras de volume, e, como veremos, o teste estatístico não apresentou diferença significativa.

Outro resultado surpreendente diz respeito ao PL e FLEXPL. Tais SNs foram aceitos em contextos partitivos e de volume. Segundo nossa hipótese, esses SNs só deveriam ser aceitos em contextos de número, visto que =*komo* restringiria o domínio à cardinalidade. Nossa hipótese foi então refutada, e sentenças com nominais combinados com =*komo* não estão restritas à leitura cardinal. Por fim, o MASSA apresentou resultados preferenciais para volume e partitivo, o que era esperado por nossa hipótese; porém, houve um valor de 23,64% para número, o que indica uma interpretação de classificador. Voltamos a esse caso na seção 4, onde também apresentamos uma análise para o operador =*komo*.

Para análise dos dados do teste de interpretabilidade, utilizamos o modelo linear generalizado de efeitos mistos (pacote glmer, R CORE TEAM, 2016), tomando como parâmetro de comparação apenas as respostas de volume, e tendo como fatores aleatórios as variáveis “participante” e “item lexical”. Desse modo, o modelo comparou a variável SNU com os outros SNs em relação às respostas de volume. Os resultados indicaram diferenças significativas apenas entre o SNU e FLEXPL (SE= -1.0976; -2.404; p=0.01); e entre o SNU e PL (SE= -1.3096; z= -2.826, p=0.004). Isso significa que, embora nomes pluralizados tenham aceitado leitura de volume, essa interpretação é preferencial nos nomes singulares (53%, versus 34% e 38%). De qualquer forma, fica claro que tanto o SNU quanto o PL e FLEXPL admitem leitura não cardinal.

Na verdade, todos os SNs admitiram as três leituras em maior ou menor medida. Esse resultado geral é, de certa forma, surpreendente, pois indica que qualquer SN no ye'kwana, seja contável ou massivo, plural ou singular, admite leituras de volume, número e partitivo. Vejamos agora um experimento de julgamento de quantidade, que nos permite verificar qual a dimensão preferencial de comparação para esses SNs.

4.3 Teste de julgamento de quantidade

a) Materiais e Métodos

Após o teste de interpretação, o participante era solicitado a responder um teste de julgamento de quantidade. O trabalho de Barner e Snedeker (2005) foi um dos primeiros a utilizar essa metodologia, que é considerada uma das melhores ferramentas para desvendar o caráter massivo ou contável dos nomes, segundo Bale e Barner (2009).

A metodologia consiste em apresentar aos participantes inicialmente uma sentença, do tipo ‘Quem tem mais X?’, em que o X é substituído por um nome, e em seguida duas imagens diferentes. Em um cenário, apresenta-se um único objeto com maior área e volume. Em outro cenário, apresenta-se três objetos de menor área e volume. Vejamos um exemplo utilizado em nosso teste:

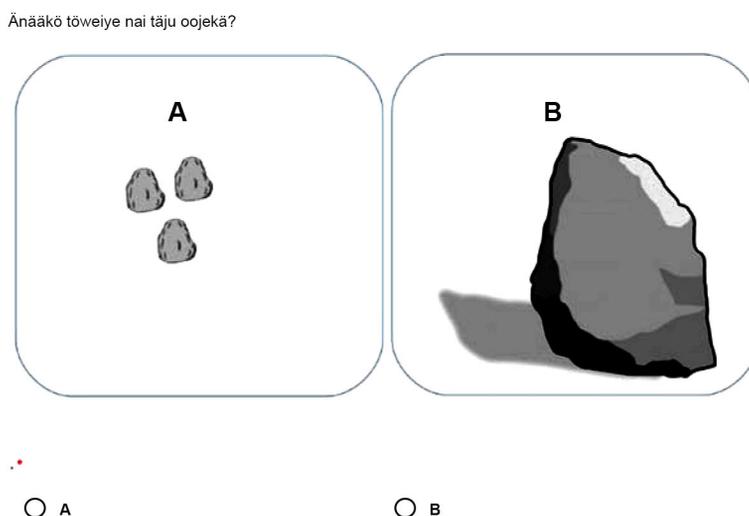


Figura 3: exemplo de estímulo – teste de julgamento de quantidade

Fonte: elaboração própria.

Os cenários variavam entre A e B e volume e número, isto é: uma hora, A era volume; em outro momento, era número. Diferentemente do teste anterior, aqui o participante só podia optar por um cenário. Foram utilizados os mesmos itens lexicais dos testes anteriores; portanto, eram 15 sentenças-alvo no total (do tipo: *Änääkö töweiyē nai X oojekä?*).

b) Participantes

Os participantes foram os mesmos dos testes anteriores.

c) Hipóteses

O teste tinha como variável dependente categórica os julgamentos de quantidade: volume ou número. Como variável independente, novamente tínhamos o SN, com 5 níveis. Dessa forma, seguindo as mesmas premissas do teste de interpretação, nossas hipóteses eram as seguintes:

- (i) SNU e FLEXSG serão comparados apenas por cardinalidade;
- (ii) PL e FLEXPL serão comparados apenas por cardinalidade;
- (iii) MASSA será comparado apenas por volume.

d) Apresentação dos Resultados

O gráfico a seguir apresenta a porcentagem com os julgamentos de quantidade (volume ou número) realizados pelos falantes para todos os SNs testados:

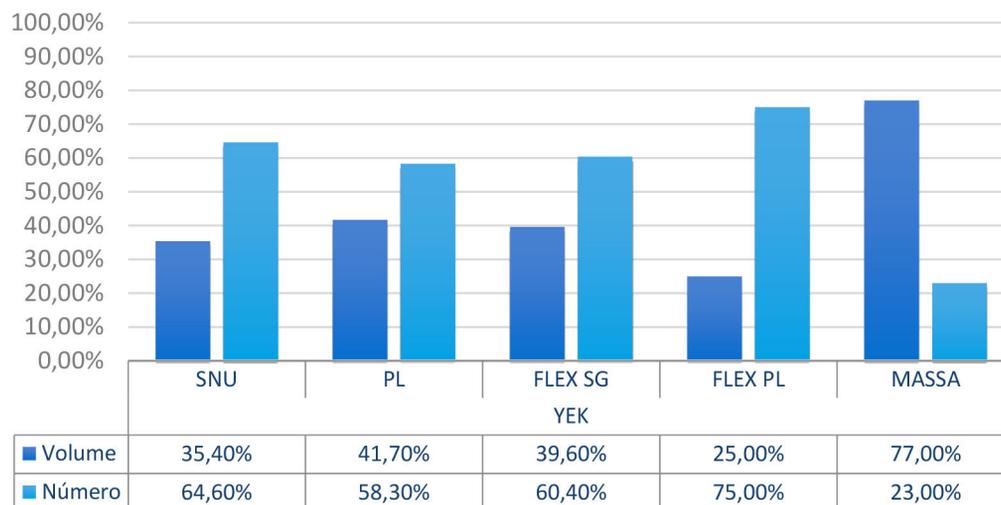


Gráfico 3: resultados do teste de julgamento de quantidade
Fonte: elaboração própria.

Os resultados desse teste ratificam os resultados do teste de interpretação, no sentido de não haver diferenças entre nomes contáveis singulares e plurais. É notável que, quando há duas dimensões de comparação possíveis (volume ou número), os nomes contáveis, tanto no singular quanto no plural, admitem ambas as leituras de volume e de cardinalidade, com preferência para a interpretação cardinal. Houve uma preferência maior à cardinalidade no caso do FLEXPL, porém o teste estatístico não apontou diferença significativa.

Nomes massivos, por outro lado, embora admitam também as duas leituras, majoritariamente são comparados por volume (na faixa de 77%). Para análise dos dados do teste, utilizamos mais uma vez o modelo linear generalizado de efeitos mistos, para verificar interação entre a resposta dada e o SN. Aqui, novamente nosso padrão de referência de língua foi o SNU. Participante e item foram fatores randômicos. O resultado indicou apenas diferença significativa entre SNU e MASSA ($SE= 2.3878$; $z=4.128$; $p<0.0001$). De fato, vemos um comportamento espelhado entre esses dois SNs: enquanto o SNU dá margem preferencialmente a julgamentos de cardinalidade (64%), o MASSA é preferivelmente julgado por dimensões de volume (77%). Vemos se delinear então uma separação entre nomes contáveis de um lado, sejam singulares ou plurais, e nomes massivos de outro. Na seção a seguir, apresentamos uma análise para os SNs no ye'kwana.

5. O ye'kwana como uma língua de número neutro?

Na seção 3, vimos que o ye'kwana, embora possua uma distinção contável-massivo (que se realiza através da impossibilidade de combinação de numerais

com determinados nomes), não possui um contraste morfossintático singular/plural como as línguas de número marcado. Assim, nomes no singular podem ser interpretados tanto como indivíduos plurais quanto como um indivíduo singular (além de definido ou indefinido). Essas características colocariam o ye'kwana como uma língua de número neutro, considerando a tipologia de Chierchia (2010).

Alguns resultados encontrados em nosso experimento dão suporte a essa análise. Além de uma boa aceitabilidade para o SNU nessas línguas, os dados mostraram que esse sintagma pode ser interpretado tanto como um indivíduo singular quanto como uma soma de indivíduos, isto é, sendo neutro para número. No teste de interpretação (gráfico 2), 22,5% das respostas foram para o cenário de número, em que se comparavam conjuntos plurais, o que confirma a interpretação plural para esse SN. A leitura singular pode ser explicada através dos 24,5% de respostas para o cenário partitivo. Se o sintagma pode denotar também a singularidade, é de se esperar que, numa sentença comparativa, a única forma de mensurar tal indivíduo singular seja dividindo-o e comparando suas partes.

Vemos ainda que a variável FLEXSG também foi escolhida em cenários de número e partitivo, apresentando comportamento semelhante ao SNU. Não parece haver, então, indícios suficientes para propor a existência de uma classe separada de nomes, como acontece com os “flexible nouns” em línguas de número marcado (que, como vimos, podem aparecer numa sintaxe singular). Em línguas de número neutro, qualquer SN no singular pode receber tanto leitura singular quanto plural.

O que houve de inesperado, contudo, foi um considerável valor de interpretação de volume para esses SNs, com valores de 53% para o SNU e 38% para o FLEXSG (gráfico 2); esse comportamento não está previsto dentro do que a literatura propõe para a denotação de um SN neutro para número. As discussões feitas até então na literatura enxergam a neutralidade para número como um domínio contável, que inclui tanto singularidades quanto pluralidades. Chierchia (2010, p. 117), por exemplo, ao propor uma denotação para o plural, define neutralidade para número, usando o exemplo do nome *cats*, como: “the [...] property CAT that applies to individuals as well as to groups of cats”.

Wilhelm (2008), em sua análise sobre SNs nus no dëne suliné, utiliza o mesmo conceito para definir neutralidade para número: “bare count nouns have atomic denotations that comprise singularities and pluralities”. Dessa forma, a denotação de um nome singular contável é um semirreticulado atômico, o que permite a contagem desses nomes: “I propose for Dëne: count nouns provide a criterion for counting, namely minimal parts or atoms. They denote complete join atomic semilattices. In my terms, they are number-neutral” (WILHELM, 2008, p. 49).

Em suma, esses trabalhos têm em comum o fato de associarem uma denotação contável, um semirreticulado atômico, ao nome neutro, o que não explica as possibilidades de interpretação de volume para esses SNs. A pergunta que pode ser feita, então, é: como gerar a leitura de volume de um SN neutro para número, cujo domínio é atômico? Poder-se-ia aventar que os SNs singulares contáveis no

ye'kwana são como nomes flexíveis (isto é, ambíguos entre contável e massivo). Porém, há uma grande diferença entre a interpretação de nomes flexíveis no singular e o SNU no ye'kwana. Embora ambos admitam leitura de volume, essa interpretação é exclusiva para os nomes flexíveis, enquanto para o SNU no ye'kwana ela ocorre juntamente com a leitura cardinal. Dessa forma, a diferença entre esses SNs está na possibilidade de se obter interpretação cardinal para nomes flexíveis no singular.

(16) *John has more stone than Peter.* (apenas volume)
 'João tem mais pedra que Pedro'

(17) *João töweiyē na täju Maria nödüödö e'joye'ka.* (volume e número)
 João töw-ei-ye na täju Maria nödüödö e-'joye-'kä
 João PTCP.INTR-COP-PTCP 3.COP pedra Maria tem REL-MAIS-COMP
 'João tem mais pedra do que Maria'

No inglês, nomes flexíveis no singular são massivos; porém, no ye'kwana, todos os sintagmas testados apresentaram leituras de volume e cardinalidade, não estando restritos a uma pequena classe, como ocorre nas línguas de número marcado. Nesse sentido, o ye'kwana se comporta de forma bastante parecida ao português brasileiro, como discutido nos trabalhos de Beviláqua e Pires de Oliveira (2014, 2017, 2018).

Considerando esse resultado, embora o ye'kwana apresente características gramaticais de língua neutra para número (nomes singulares com interpretação plural), há uma leitura de volume para o SNU que não se explica num quadro teórico em que os SNs nessas línguas pertencem a um domínio atômico. Faz-se necessário, portanto, uma revisão do conceito de neutralidade para número, que deverá denotar não apenas uma neutralidade entre átomos e somas de átomos. Tal proposição, contudo, encontra-se além do escopo deste artigo. Uma linha de pesquisa interessante seria investigar outras línguas de número neutro, como o dëne suliné.

5.1 Plural em Ye'kwana

Agora, vamos à análise da combinação do SN singular com o =*komo* no ye'kwana. As variáveis PL e FLEXPL não aceitaram apenas leitura de número: houve consideráveis 34% e 37% de volume, respectivamente. A primeira análise a ser feita diz respeito ao fato de os SNs plurais e SNs singulares admitirem leitura de número, volume e leitura partitiva. A conclusão mais natural a que se pode chegar é que o que até então considerávamos um operador de plural não contribui exclusivamente em termos de soma de indivíduos – como acontece, por exemplo, nas línguas de número marcado, em que o plural restringe o domínio da comparação à cardinalidade.

No ye'kwana, a presença do =*komo* não garante uma leitura exclusiva de número. Isso nos leva a uma análise feita para os plurais das línguas caribe (GILDEA, 1998), e que é assumida por Cáceres (2011), de que esse operador não é um pluralizador, mas um coletivizador, no sentido de que denota um indivíduo atômico cujas subpartes preenchem a totalidade de um grupo. Há uma discussão relacionada a número dos nomes coletivos, como *comitê*, *família*, *time*. Por um lado, há autores que defendem uma denotação atômica (LANDMAN, 1989a, 1989b; SCHWARZSCHILD, 1996; por exemplo); por outro, há autores que defendem que nomes coletivos denotam somas de indivíduos, portanto pluralidades, como Munn (1998). Schwarzschild (1996) argumenta que, se coletivos fossem plurais, seria esperado que qualquer predicação sobre o coletivo fosse uma predicação sobre a pluralidade dos indivíduos – mas não é o que ocorre. Vejamos:

(18) O comitê foi fundado em 1921.

(19) *Os membros do comitê foram fundados em 1921.

Além disso, Schwarzschild (1996) argumenta que, se coletivos fossem plurais, os predicados de nomes coletivos deveriam se combinar com seus indivíduos plurais:

(20) O time tem três membros.

(21) *Os membros do time têm três membros.

Para Schwarzschild (1996), então, nomes coletivos denotam átomos, não pluralidades⁷. Seguimos nessa linha, e nossa hipótese é de que =*komo* não é um marcador de pluralidade, no sentido de soma de indivíduos, mas denota um indivíduo atômico. Isso explica a não-obrigatoriedade de leitura de número para nomes associados a =*komo*. Nesse caso, o nome pode ter diferentes leituras, que não estão restritas às de cardinalidade. Se =*komo* atribui ao nome uma entidade coletiva, isso gera um indivíduo singular:

(22) João *kudiiyada* *neneanä*
João canoa viu
'João viu a/uma/as/algumas canoa(s)'

(23) João *kudiiyada=komo* *neneanä*
João canoa=PL viu
'João viu a totalidade de um grupo de canoas'

7 Naturalmente, o debate é muito mais extenso do que a discussão que se colocou aqui. Ver Pearson (2011), que divide nomes coletivos em dois grupos e estabelece um paralelo entre o que o autor chama de "committee nouns" e *kinds*.

Nos exemplos acima vemos que a presença do operador =*komo* restringe a interpretação do nome a uma interpretação coletiva, ao contrário do nome singular nu, que permite uma interpretação de singular e plural. Se =*komo* atribui ao nome uma entidade coletiva, que é um indivíduo atômico singular, podemos explicar as leituras de volume e partitivas para esses SNs.

5.2 Nomes massivos

Por fim, vimos que os nomes de massa apresentaram preferencialmente interpretações de volume e partitivas no teste de interpretação. Naturalmente, nomes de massa são medidos por dimensões não cardinais, já que a contagem não é possível para esses sintagmas no ye'kwana. Sobre a interpretação partitiva, ela está sempre disponível para nomes de massa, pois, assumindo Chierchia (2010), como sua denotação inclui átomos instáveis, uma parte de água, por exemplo, ainda é considerada água, assim como uma parte de uma parte de água, e assim continuamente:

[...] we might consider a grain of rice, rice. But, then that applies to half grains as well. And to quarters of grains. In certain cases, we may regard rice flour as rice (as when we say 'there is rice in this cake'). The point is that there is no systematic basis for deciding which rice amounts qualify as rice atoms. (CHIERCHIA, 2010, p. 118)

224

Falta explicar, então, como é gerada a interpretação cardinal, que ocorreu na faixa de 23% tanto no teste de interpretação quanto no teste de julgamentos de quantidade. Argumentamos que a leitura de número para nomes massivos está sempre disponível, mas é indireta, gerada por um mecanismo de coerção – seja um *sortal classifier* (em que o falante, em vez de medir o volume da substância, compara possíveis tipos), ou um *universal packager* (em que o falante compara unidades de recipientes da substância).

Scontras *et al.* (2017) também testaram nomes massivos em julgamentos de quantidade no inglês, e houve respostas para número para esse tipo de SN. Nesse caso, como argumentam os autores, a leitura de número do nome de massa seria gerada por uma interpretação de classificador encoberto, pois o participante sempre pode entender uma pergunta como 'Quem tem mais areia?' por 'Quem tem mais montes de areia?'. Resultados de número também são encontrados para nomes massivos no PB, como em Beviláqua e Pires de Oliveira (2014, 2017).

Assim, nomes massivos se diferenciam de nomes nocionalmente contáveis no ye'kwana, e sua interpretação preferencialmente massiva perpassa as diferentes línguas de diferentes sistemas nominais. Beviláqua e Pires de Oliveira (2018), por exemplo, apresentaram resultados para os nomes de massa num experimento translinguístico, que revelaram um comportamento homogêneo. Nas 4 línguas

testadas – PB, inglês, espanhol rio-platense e cabo-verdiano –, nomes de massa foram preferencialmente julgados por volume e partitivo. Alguns resultados para número, gerados via coerção, também foram encontrados em todas as línguas.

6. Conclusões

Vimos que a interpretação de volume é possível para nomes contáveis no singular no ye'kwana. Esse resultado é novo, no sentido de que não havia sido descrito nos trabalhos anteriores sobre o ye'kwana, ou mesmo sobre as línguas de número neutro. Essa interpretação não-cardinal não é explicada por uma denotação de neutralidade para número que inclua apenas o domínio da cardinalidade.

Mostramos aqui que o ye'kwana possui características gramaticais de línguas de número neutro, apesar de termos encontrado uma interpretação de volume para esses SNs, o que não é um padrão de comportamento previsto na literatura para a denotação de SNs neutro para número. Mostramos que autores como Chierchia (2010) e Wilhelm (2008) definem a neutralidade para número como pertencente ao domínio contável, o que torna inesperada a leitura de volume encontrada para o ye'kwana.

Explicamos também que essa leitura de volume não torna os nomes no ye'kwana flexíveis, pois a leitura de volume ocorre juntamente com a leitura cardinal em todos os nomes testados – nomes flexíveis do inglês no singular, por exemplo, são massivos. Como consequência desses dados, a própria noção de neutralidade em termos teóricos deve ser revista, principalmente em termos de uma oposição singular/plural, em função dos resultados de volume para o SNU do ye'kwana. Não foi objetivo deste artigo, contudo, prover tal proposta teórica, reconhecendo os limites e escopo de nosso trabalho.

Também defendemos que, no ye'kwana, o operador =*komo* não gera somas, uma vez que foram encontrados resultados para volume e partitivo. Assim, seguindo o que foi sugerido pela literatura de línguas caribe (cf. GILDEA, 1998) e sobre a língua ye'kwana (CÁCERES, 2011), =*komo* seria um coletivizador, pois mostramos que a presença do =*komo* não garante uma leitura exclusiva de número. Logo, =*komo* atribui ao nome uma entidade coletiva, ou seja, não gera somas.

Nomes massivos no ye'kwana, por sua vez, parecem restringir seu domínio não-atômico de comparação à medida, e não à contagem. Podemos concluir, então, que nomes de massa apresentam o mesmo comportamento, tanto em línguas de número neutro quanto em línguas de número marcado, o que naturalmente se aplica ao ye'kwana, conforme mostramos neste artigo. Já a leitura de número para esses sintagmas está disponível através de um mecanismo de coerção, em que o falante compara os tipos de nomes ou unidades de recipientes da substância.

Esperamos ter contribuído para a compreensão do SNU, a partir dos dados do ye'kwana, não apenas nas línguas caribe, mas em outras línguas naturais.

Referências

BALE, Alan; BARNER, David. The interpretation of functional heads: Using comparatives to explore the mass/count distinction. *Journal of Semantics*, vol. 26, n. 3, p. 217-52, 2009.

BARNER, David; SNEDEKER, Jesse. Quantity judgments and individuation: evidence that mass nouns count. *Cognition*, vol. 97, n. 1, p. 41-66, 2005.

BEVILÁQUA, Kayron; PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. Brazilian bare nouns and referentiality: evidence from an experiment. *Revista Letras*, Curitiba, vol. 90, p. 235-275, 2014.

BEVILÁQUA, Kayron; PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. Brazilian bare nouns in comparatives: experimental evidence for non-contextual dependency. *Revista Letras*, Curitiba, n. 96, p. 354-376, 2017.

BEVILÁQUA, Kayron; PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. What do Bare Nouns mean cross-linguistically? Preliminary results. Apresentação de trabalho. In: *The Count-Mass Distinction - A Linguistic Misunderstanding?*, Bochum – Alemanha, 7-9 mai. 2018.

CÁCERES, Natália. *Introduction à la langue des Ye'kwana: profil sociolinguistique et esquisse phonologique*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Université Lyon 2, Lyon, 2007.

CÁCERES, Natália. *Grammaire Fonctionnelle-Typologique du Ye'kwana: Langue caribe du Venezuela*. Tese (Doutorado em Linguística) – Université Lumière Lyon 2, Lyon, 2011.

CHIERCHIA, Gennaro. Mass nouns, vagueness and semantic variation. *Synthese*, vol. 174, p. 99-149, 2010.

CORBETT, Greville. *Number*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

COSTA, Isabella. *O número em Ye'kwana: uma perspectiva tipológica*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2013.

COSTA, Isabella. *A quantificação em Ye'kwana: a distinção contável-massivo*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2018.

GILDEA, Spike. *On Reconstructing Grammar: Comparative Cariban Morphosyntax*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

GILDEA, Spike. Linguistic studies in the Cariban family. In: CAMPBELL, Lyle; GRONDONA, Verónica (eds.). *Handbook of South American Languages*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 441-494.

- BEVILÁQUA, K. e COSTA, I. *O sistema nominal do Ye'kwana: um experimento sobre a distinção contável-massivo*
- HALL, Katherine Lee. *The morphosyntax of discourse in D'ekwana Carib: Volumes I & II*. Tese (Ph.D.) – Washington University, Washington, 1988.
- HIGGINBOTHAM, James. Mass and Count Quantifiers. In: BACH, Emmon; JELINEK, Eloise; KRATZER, Angelika; PARTEE, Barbara (eds.). *Quantification in Natural Languages*. Dordrecht: Kluwer, 1995. p. 383-419.
- LANDMAN, Fred. Groups, I. *Linguistics and Philosophy*, vol. 12, p. 559-605, 1989a.
- LANDMAN, Fred. Groups, II. *Linguistics and Philosophy*, vol. 12, p. 723-744, 1989b.
- MUNN, Alan. First conjunct agreement: against a clausal analysis. *Linguistic Inquiry*, vol. 30, n. 4, p. 643-668, 1998.
- PEARSON, Hazel. A New Semantics for Group Nouns. In: West Coast Conference on Formal Linguistics, 28, 2011. **Anais...** Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2011.
- R CORE TEAM (2015). R: A LANGUAGE AND ENVIRONMENT FOR STATISTICAL COMPUTING. IN: R FOUNDATION FOR STATISTICAL COMPUTING. VIENNA, Austria. Disponível em: <https://www.R-project.org>.
- SCHWARZSCHILD, Roger. *Pluralities*. Dordrecht: Kluwer, 1996.
- SCONTRAS, Gregory; DAVIDSON, Kathryn; DEAL, Amy Rose; MURRAY, Sarah E. Who has more? The influence of linguistic form on quantity judgments. In: Linguistic Society of America, 2, 2015. **Anais...** Austin (TX), 2017, p. 1-15.
- WILHELM, Andrea. Bare nouns and number in Dëne Suliné. *Natural Language Semantics*, vol. 16, n. 1, p. 39-68, 2008.